



Identidade e subjetividade na profissão docente

Camila Moutinho Domingues¹
Daniel Ordane da Costa Vale²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

O artigo a seguir apresenta-se como uma síntese dos estudos e discussões relativas à temática “Identidade e subjetividade na profissão docente” tendo como foco principal de análise a constituição da identidade e subjetividade durante a trajetória docente. Fizemos um breve estudo das obras de Claude Dubar (2005), Maurice Tardif e Claude Lessard (2005) e, em diálogo com esses autores, uma entrevista com uma professora com o foco no assunto abordado.

Palavras-chave: identidade; subjetividade; saber docente.

Introdução

Em um primeiro momento, serão explicitados os aspectos teóricos que nortearam os nossos estudos com relação à temática pesquisada, fazendo um breve resgate sobre a teoria sociológica da identidade e sua relação com o trabalho dos professores. Serão pontuados, também, outros referenciais que abordam como se efetiva a construção da identidade docente e, como essa, sofre influências de outros fatores para sua delimitação.

Com o objetivo de desenvolver um aprofundamento referente ao tema citado, foi feita uma investigação teórica, na qual julgamos necessário estudar as obras de Claude Dubar (2005), Maurice Tardif e Claude Lessard (2005), além de outros textos que contemplam o tema aqui tratado.

¹ Mestranda em Educação pela PUC-Minas, Pedagoga e Especialista em Alfabetização e Letramento.
Email: mila_moutinho25@hotmail.com

² Mestrando em Educação pela PUC-Minas, Professor de Educação Física e Especialista Educação Física Escolar. Email: danielordane@yahoo.com.br



Posteriormente, será analisada, à luz dos referenciais teóricos, uma entrevista realizada com uma professora aposentada no que concerne ao seu percurso profissional e construção de suas identidade(s) docentes.

Quando se estuda sobre a profissão docente, deve-se refletir sobre as características envolvidas nesse tipo de trabalho, que, se comparado aos outros, apresenta uma série de especificidades. Fundamentalmente, destaca-se que uma característica marcante da docência é ser um trabalho com seres humanos e sobre seres humanos que, portanto, só pode-se efetivar a partir das relações estabelecidas entre os envolvidos. O trabalho docente, nesse sentido, deve ser compreendido como humano e interativo. Tardif e Lessard (2005) nos revelam que a interação é um aspecto basilar nessa profissão, revelando, assim, seu caráter específico. Na visão desses autores:

A interatividade caracteriza o principal objeto de trabalho do professor, pois o essencial de sua atividade profissional consiste em entrar numa classe e deslanchar um programa de interações com os alunos. Isto significa que a docência se desenrola concretamente dentro das interações: estas não são apenas alguma coisa que o professor faz, mas constituem, por assim dizer, o espaço [...] (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 235).

Faz-se necessário mencionar que, exatamente por ter essa característica, exercer essa profissão não é tarefa fácil e, para isso, necessita-se construir, no decorrer da trajetória profissional e, algumas vezes, até antes dela, conhecimentos que possibilitarão um exercício significativo. Essas variedades de conhecimentos podem ser denominadas, de acordo com o campo teórico, como saberes docentes. Nas palavras do autor: “Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.” (TARDIF, 2005, p.36).

A formação desse profissional, de acordo com essa perspectiva, revela características peculiares que devem ser estudadas para uma melhor compreensão dos sujeitos participantes. É seguindo esse direcionamento, que pode-se refletir sobre como se dá a constituição desse professor durante a sua carreira e, de certo modo, como é elaborada a sua identidade docente. Será que esses professores tem uma identidade específica? Como esses profissionais entram na carreira e como, ao longo do tempo, eles se formam? Quais são as influencias que os docentes estão submetidos nos momentos de seu exercício profissional?



Ao longo dos estudos, percebe-se a necessidade de explicitar, para melhor compreensão do tema, uma breve contextualização referente ao surgimento dos estudos sobre identidade e suas características marcantes. Foi somente após as primeiras manifestações sociais, na visão de Silva (1998), posteriores a segunda guerra mundial, que passa-se a ter uma preocupação maior com o indivíduo como um ser único, insubstituível. De acordo com Zanatta (2011) após a década de 60 intensificaram os estudos que contemplavam essa temática e, por esse motivo, pode-se dizer que essa concepção é advinda da modernidade.

A interatividade é um processo fundamental para que o indivíduo possa construir a sua identidade, reside nesse fato, a estreita ligação entre essa e a profissão docente, que será aqui focalizada. Nos momentos em que referencia algumas contribuições do interacionismo simbólico para os estudos sobre identidade, Zanatta (2011) nos revela que a constituição do ser, fazendo uso de seu papel social, de acordo com cada momento vivido, é fator determinante em sua formação identitária, podendo, em cada situação revelar um aspecto dessa subjetividade. Nessa vertente,

(...) uma pessoa pode fazer uso de um papel social específico, dependendo do cenário em que se encontra. A identidade, portanto, é contextual, dependendo da situação e dos atores envolvidos (ZANATTA, 2011, p. 47).

É seguindo o direcionamento feito pela autora que pode-se inferir que não existe uma só “identidade” e, sim, uma adequação contextualizada, que provocaria o surgimento em cada pessoa de múltiplas identidades, que são utilizadas de acordo com o momento em que a pessoa está passando. Um mesmo indivíduo, em um dia, pode assumir várias identidades diferentes, podendo ser, por exemplo, mãe, professora, filha, coordenadora, amiga, etc. Porém, ao longo dos estudos, percebe-se que essas identidades, muitas vezes tem um elo de comunicação, segundo o qual uma pode interferir na outra, revelando o aspecto complexo de se analisar a subjetividade docente. A identidade, portanto, baseia-se nas relações estabelecidas de acordo com o meio social, sendo estabelecida através da socialização.

Claude Dubar (2005) possibilita-nos aprimorar nossos conhecimentos relativos à esse entendimento de identidade como um processo relacional. O autor constrói uma teoria para explicitar as principais características da formação identitária dos sujeitos, que é de fundamental importância para a nossa análise. Em sua teoria sociológica da



identidade, baseando-se nas descobertas feitas pelos principais autores do Interacionismo Simbólico (Mead e Goffman), Dubar nos revela que a identidade não é um fator inerente ao sujeito, que forma-se de maneira espontânea para cada pessoa. Esse desenvolvimento ocorreria de acordo com dois fatores principais: os atos de atribuição e os atos de pertencimento, construídos a partir das relações sociais. Como expressa o autor:

Denominaremos atos de atribuição os que visam a definir "que tipo de homem (ou de mulher) você é", ou seja, a identidade para o outro; atos de pertencimento os que exprimem "que tipo de homem (ou de mulher) você quer ser, ou seja, a identidade para si"(DUBAR, 2005, p. 137).

Partindo-se dessa prerrogativa, é perceptível que a identidade não é formada de maneira simples, ela se constrói a partir da relação entre o indivíduo e o outro, tendo como base suas experiências. Essa construção ocorre na vinculação entre o que o autor chama de identidade social virtual (formada pelos atos de atribuição) e a identidade social real (formada pelos atos de pertencimento). Essas duas formas de identidade são construídas a partir do processo relacional – que se efetiva na conexão entre as identidades atribuídas e as incorporadas, sofrendo influência do processo biográfico – que é possibilitado pelas identidades herdadas através das diferentes formas de socialização primária e secundária e as identidades visadas pelo sujeito futuramente.

Compreende-se que essa identidade social estudada por Dubar, relaciona-se intimamente com a identidade profissional, visto que essa não é formada de maneira desarticulada à anterior. Corroborando com esse pensamento Maurício Estevam Cardoso (2010) afirma que:

Dubar (2005) considera que a(s) identidade(s) profissional(ais) dos docentes, bem como de outras categorias profissionais, são uma das dimensões de sua identidade social, uma construção ao mesmo tempo individual e social, não se reduzindo a uma identidade que tem sua formação relacionada exclusivamente ao trabalho (CARDOSO, 2010, p. 40).

Partindo desse ponto de vista, percebe-se que a prática profissional não é o único caminho que pode orientar a identidade do professor. Essa inicia-se desde os primeiros anos de vida do sujeito, passa por sua convivência social, com a experiência vivida enquanto estudante (o que Tardif e Raymond denominam de saberes da formação pré-



profissional), sua vivência durante o curso de formação de professores e, também, o seu exercício docente. Concordamos com Cardoso (2010) que as:

(...) identidades profissionais são múltiplas, pois elas seriam fruto da articulação contínua de histórias pessoais com trajetórias sociais e culturais, não podendo por isso ser reduzida unicamente a um pertencimento de classe, ou a uma comunidade, ou mesmo à questões de gênero, etnia ou geração. Nesse sentido, a identidade profissional não é algo dado, estabelecido a priori, mas é parte de um processo contínuo de (re)elaboração, constituindo-se progressivamente a partir de processos específicos de socialização (CARDOSO, 2010, p.46).

A singularidade da profissão docente, então, reside no fato de que essa relaciona-se de forma mais íntima, com a história de cada professor, demonstrando a complexidade que a envolve. Para que a nossa análise ocorra de maneira mais completa, iremos nos pautar, também, nos estudos dos saberes docentes, uma vez que acreditamos que essa formação identitária não pode ser vista isolada dos conhecimentos que envolvem o exercício dessa profissão.

Seguindo esse direcionamento enfoca-se, mais especificamente os saberes da formação pessoal e da formação pré-profissional, que acreditamos, servir de sustentação para a identidade social, no que se refere à sua interlocução com o processo bibliográfico, já citado anteriormente. Podemos, pois, afirmar que:

[...] uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. Os professores são trabalhadores que foram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar. Essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente (TARDIF e RAYMOND, 2000, p. 216-217).

É possível refletir seguindo essa perspectiva, que a socialização secundária tem grande relevância ao longo da vida dos professores, visto que pelo tempo que esses passaram na escola, puderam tecer uma gama de saberes que relacionam-se com o funcionamento acadêmico. Esse fator pode ser percebido com clareza nos momentos em que começam a estudar a influência dos “outros significativos” na construção da identidade do professor.



Metodologia

O percurso que traçado no decorrer da pesquisa, por se tratar de uma temática educacional, relacionada com a formação, identidade e subjetividade dos professores, não poderia ser concebido sem nos basearmos em uma abordagem qualitativa, que revela-se significativa nos estudos desse campo, uma vez que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Como instrumento para a coleta dos dados pesquisados, foi feita uma entrevista semi-estruturada, a fim de que pudéssemos assimilar melhor quais eram as ideias da profissional pesquisada. Para a nossa entrevista, escolhemos uma professora já aposentada, por acreditar que suas percepções sobre o tema pesquisado seriam mais vastas, podendo nos proporcionar uma visão mais holística da profissão.

Como pesquisamos a identidade e subjetividade na profissão docente, não pode-se deixar de citar que essas são construídas de acordo com as interações sociais e, nada melhor do que uma entrevista para que pudéssemos ter acesso à esses dados, certo que:

A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p.109).

Percebe-se que, muitas pesquisas da área educacional, quando tratam-se de formação de professores, os protagonistas desse processo, muitas vezes, não é dado o destaque necessário para compreendermos o que pensam, como pensam e porque pensam. Destaca-se, dessa maneira, a falta da voz do professor dentro das pesquisas, não percebe-se muitas vezes as suas falas e, sim, o julgamento dessas, fato que não acreditamos que seja proveitoso para a nossa investigação. Na visão de Ivor Goodson (1995):

O que afirmo, aqui e agora, é que, particularmente no mundo do desenvolvimento dos professores, o ingrediente principal que vem faltando é a *voz do professor*. Em primeiro lugar, tem se dado ênfase à prática docente



do professor, quase se podendo dizer ao professor enquanto “prático”.
Necessita-se agora escutar acima de tudo a pessoa a quem se destina o
“desenvolvimento” (GOODSON, 1995, p. 69).

Partindo desse esclarecimento, nos esforçaremos na tentativa de dar maior ênfase ao pensamento de nossa entrevistada, a fim de que nossos dados possam ser elucidativos da temática em estudo.

Resultados e Discussão

Durante a análise da entrevista realizada, percebe-se que o conjunto de respostas estava relacionado à três temas: escolha profissional, identidade e subjetividade na docência e desafios enfrentados durante a profissão. Para que possamos dissertar de maneira mais concisa sobre cada uma dessas categorias, iremos dividi-las em tópicos, que serão analisados a partir de agora.

- **Escolha da profissão**

Quando perguntada sobre os motivos de sua escolha profissional, na fala de Helena, percebe-se a presença da influência que o saber-fazer já desempenhava em seu cotidiano enquanto aluna. A metodologia e a forma do professor ensinar eram fatores relevantes para a pesquisada e foi, através de sua descoberta como facilitadora de aprendizagens que ela se conscientizou sobre o desejo de ser professora. No excerto de fala seguinte podemos perceber esse posicionamento:

Assim, desde que eu fazia, eu lembro quando eu tava mais ou menos assim na 8ª série assim, né, eu tinha muita facilidade assim de estar ensinando, né? Eu tinha uma colega Cátia que tinha muita dificuldade e aí a gente sempre se reunia para estudar ou mesmo dentro da sala de aula é, fazendo trabalho, eu sempre percebia que a forma como eu explicava, às vezes as pessoas conseguiam, eles falavam assim: nó a gente entendeu melhor que o professor explicando. (HELENA)

A relação dessa professora, desde a sua história pessoal, já revela algumas das características da relação docente com o saber e, como, esses conhecimentos são importantes durante o exercício profissional. Foi a partir de sua experiência como aluna que, pouco a pouco, foram sendo tecidas as identidades docentes reveladas ao longo da pesquisa. O saber da formação pré-profissional, estudado por Tardif e Raymond (2000) podem ser visualizados explicitamente nesse momento.



Além da facilidade para a profissão, conforme afirmado pela pesquisada, a influência de outras pessoas foi significativa em sua escolha. Essa característica pode ser confirmada quando nos remetemos à teoria sociológica da identidade, no que concerne à interferência que o convívio social, principalmente na socialização primária (família) e na secundária (escola) desempenha na constituição identitária da pessoa.

No caso da professora em estudo, em suas lembranças percebemos a importância atribuída às suas primeiras professoras, que foram citadas como referências para sua opção pela docência na área de língua portuguesa:

Letras? Ahn... Porque desde que eu me lembre, que desde pequena assim, pequena não, porque eu comecei a estudar mais velha, né? Mas desde assim a 2ª série os professores elogiavam muito as minhas produções de texto. Eu tinha uma professora que ela assim, ela até chorava quando lia as coisas que eu escrevia. Uma professora da segunda série e aí na quinta série eu tinha uma professora que chamava Sandra, eu lembro dela que ela sempre usava assim um turbante, e ela adorava as minhas produções, ela fala assim: Helena eu li seu texto em outra sala. Aí ela sempre falava assim: A Helena escreve bem porque ela lê muito, num é? Aí eu falava é.. assim eu ia para a biblioteca da escola aí era a matéria assim que eu mais me identificava. (HELENA)

A maneira como suas professoras a incentivaram é um elemento que merece destaque, uma vez que através dele percebemos a capacidade que o docente tem para servir de estímulo para seus alunos. Seguindo essa orientação, pode-se citar que:

Em suma, o que essa lógica circular de justificação revela é a função de mediação que a história de vida exerce entre os saberes do indivíduo e os papéis e atitudes das equipes de trabalho: a “personalidade”, enquanto racionalização construída a partir do sucesso como aluno e como professor, mostra como o indivíduo responde às normas institucionalizadas e como a equipe de trabalho, em troca, seleciona e valoriza essas “personalidades” que se acham em conformidade com os papéis institucionalizados. (TARDIF e RAYMOND, 2000, p. 223)

A história de vida, portanto, não pode ser desconsiderada quando se estuda a profissão docente, certo que essa é determinante durante a prática profissional.

- **Identidade e subjetividade**

O elo que existe entre as “identidades” que formam o professor, e sua atuação profissional é evidente na entrevista. É notória a dificuldade que se tem de separar o seu “eu” professor, do seu “eu” pessoa, desvinculado da profissão.



Tal como afirma Jenifer Nias (1991) citada por Nóvoa (1995) “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor.” (p.15). Essa citação ecoa no momento em que a professora é perguntada sobre a construção de sua identidade profissional:

Acaba que fica misturado, acaba que fica misturado mesmo, né? Eu acho que a gente é muito o que a gente faz, o que a gente é... não tem jeito... ainda mais mexendo com gente quando cê faz sei lá ,trabalha com máquina, você pode se manter fria neutra, então a gente mexer com gente não tem jeito. Acaba mostrando aquilo que você é... (HELENA)

Nessa fala pode-se identificar que a construção da identidade docente, por se tratar de uma dimensão baseada na interatividade, como afirmam Tardif e Lessard (2005), impacta no exercício profissional, fazendo com que o professor se constitua como tal nas relações com o outro, dentro e fora da escola. Essa especificidade da profissão é um dos fatores que influencia em na sua identidade, sendo percebida como um construto social.

Através da observação da fala da professora Helena verifica-se como a vivência que a pessoa tem fora do ambiente de trabalho e, mais precisamente, durante a sua trajetória de vida, são fatores que relacionam-se diretamente com o desenvolvimento do trabalho docente. Os conhecimentos adquiridos fora do contexto estrito de formação para o trabalho, muitas vezes, podem ser verificados como fios condutores da atividade exercida:

É eu que eu levei de identidade minha para a sala de aula foi este meu jeito sonhador assim este lado de acreditar é... olha uma coisa que eu acho mais marcante foi que eu sempre tive esta preocupação com o outro acho que isto foi parte da minha educação, criada no grupo de jovens então assim eu sempre... eu sempre tive este lado solidário.(HELENA)

A preocupação com o outro e sua influência dentro de sala é percebida, também, em outros momentos, quando perguntada sobre a sua trajetória durante seus 28 anos de profissão. Nessa ocasião Helena nos revela um pouco sobre os projetos que desenvolveu em sua escola e como esses foram recebidos pelos alunos:

Igual ao último projeto que eu fiz na escola que trabalhava em Belo Horizonte que foi exatamente... eu passei aquele filme: “A corrente do bem”, né? Ele traz no início um professor que fala com a turma: pensem em uma ação para mudar o mundo e coloque em prática e aí eu fiz a partir do filme



essa proposta com eles... que eles pensassem em alguma ação para melhorar a comunidade local e colocassem em prática... aí eles tinham que pensar em uma estratégia de criar o projeto, eu trabalhava com a criação de projetos e aí eles tinham que registrar em formas de vídeo, fotos, entrevistas o que eles fizeram e aí teve a culminância, na feira de cultura e o nosso trabalho acabou chamando a atenção e uns meninos falavam assim que “bombou” porque aí eles se envolveram muito, aí teve gente que fez trabalho na creche, tiveram outros que foram no asilo, entendeu? E aí eles fotografaram, filmaram, aí no dia a gente fez... cada grupo teve que montar um trabalho expositivo para colocar na sala, ou em forma de vídeo... (HELENA)

Pode-se citar, no entanto, que a noção de identidade é um processo permeado pela tessitura de diversos fatores, que, juntos, contribuem para que se forme um profissional íntegro, que tenha consciência de seu papel na sociedade. Na visão de Nóvoa (1995):

A construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional (Diamond, 1991). É um processo que necessita de *tempo*. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças. (NÓVOA, 1995, p. 16)

Exatamente por ser recoberta por tanta complexidade, a docência é uma profissão na qual os desafios são frequentes, sendo assim, explicitaremos os principais, na visão de nossa pesquisada sobre essas singularidades

- **Desafios na profissão**

No dia-a-dia profissional, muitos são os desafios enfrentados pelos professores, os que mais interferem no cotidiano escolar, de acordo com a professora pesquisada são as implicações burocráticas que regem o sistema em que ela trabalha, as políticas governamentais, que algumas vezes, contribuem para a desvalorização profissional e a questão salarial.

Ao longo do tempo, no relato de Helena, percebemos que esses desafios foram se intensificando e, aos poucos, começaram a influenciar o trabalho docente. Nesse sentido, a organização do funcionamento escolar, foi um fator que dificultou a prática pedagógica, fazendo com que os professores tivessem que ressignificar várias de suas metodologias:



Assim, mesmo com as dificuldades pq os interesses dos alunos foram mudando, né? E também a questão política que influenciou muito, né? Quando foi mudando assim a progressão automática, por exemplo, né? A gente foi perdendo tanto a moral, como assim, a questão de nota, por exemplo né? Pq o aluno estuda por causa de nota... E essa metodologia mudou, a questão da progressão automática, com a escola plural, em Belo Horizonte, principalmente, aí a gente tinha que procurar alguma forma de prender os alunos, que não fosse só por nota, entendeu? Pq se fosse dar só por nota, né? Tinha retenção só no final do ciclo, né? E tem até hj então a gente tinha que ser um pouco artista, para estar é... conseguindo prender a atenção (HELENA)

A visão citada por Helena vai de encontro com outras pesquisas no âmbito educacional, como é o caso do estudo feito por Lapo e Bueno (2003) quando analisam as causas da insatisfação com a profissão é chegam a seguinte consideração:

Outro aspecto enfatizado pelos professores como fonte de insatisfação com o magistério é o modo pelo qual está organizado o sistema educacional e, mais especificamente, a escola como instituição pública de prestação de serviços e como local de trabalho. Esta organização influi diretamente no desempenho e no grau de satisfação do professor com o trabalho docente. Alguns referem-se à impossibilidade de participar das decisões sobre o rumo do ensino, ao excesso de burocracia e à falta de apoio e de reconhecimento do trabalho por parte das instâncias superiores do sistema educacional, como fatores geradores de desmotivação e insatisfação com o trabalho.(LAPO e BUENO, 2003, p.77)

Por fim, outro aspecto que vale a pena ser considerado é a atribuição ao relacionamento com os alunos, no que se refere à falta de limites, desrespeito ao professor e colegas, bem como uma modificação nos valores que estão sendo transmitidos pelas novas gerações, em algumas situações. Nas palavras da pesquisada:

Eu acho que o pior desafio é a questão do respeito. O desrespeito dentro de sala para mim é até assim que motivou a aposentar logo que acabou meu tempo. Por causa da falta de respeito acho que de todos esses professores e que eu vejo pessoal lá da escola comentando até hoje o professor e nada dentro de sala de aula é a mesma coisa. (HELENA)

A somatória de todos esses fatores está estimulando um descrédito profissional, que, de certa maneira, influi diretamente na construção identitária dos professores, visto que, muitas vezes, esses passam a se desestimular, entrando no que poderíamos chamar como “crise de identidade profissional”.

Considerações Finais



Após as breves reflexões até aqui empreendidas, faz-se necessário fazer uma pequena síntese das principais descobertas feitas ao longo dessa pesquisa.

Estudar sobre a “Identidade e Subjetividade na Profissão Docente” pode possibilitar a ampliação de horizontes sobre a trajetória profissional, fazendo-nos pensar sobre as características que nos estruturam como professores.

Os estudos sobre a teoria sociológica da identidade ajudam a compreender como a construção da identidade é complexa, sendo influenciada por fatores que, muitas vezes não nos damos conta. A explicitação sobre como são formados os atos de pertencimento e de atribuição, também, provocam a conscientização sobre a especificidade da docência.

Consideramos que a entrevista foi um momento crucial durante a elaboração da pesquisa, uma vez que, a partir da fala da professora pesquisada foi possível perceber, na prática, como os aspectos teóricos são fundamentados, possibilitando uma coerência entre essas duas óticas.

Salientamos a importância de se terem mais pesquisas sobre o tema pesquisado, através da escuta de professores em diferentes momentos de seu ciclo de vida profissional para que tenhamos uma maior amplitude da temática aqui tratada.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, M.E. Identidade(s) e identidade(s) docente(s). **Jornal de Políticas Educacionais**. N. 8, p.35-51, julh-dez, 2010.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. In: **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Trad. Andréa S. M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 133-156.

GIL, Antonio Carlos. Entrevista. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. p.63-78. In: Nóvoa, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

LAPO, F.R.; BUENO, B.O. **Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério**. Cadernos de Pesquisa. N. 118, p. 65-88, março, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: Nóvoa, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice; e LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, *Maurice*; RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Educ. Soc. vol.21 no.73 Campinas Dec. 2000.

ZANATA, M.S. Nas teias de identidade: construções para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica. **Perspectiva**. V. 35, p.41-54, dezembro, 2011.